



REBECCA YARROS

Tradução
Nuno Carvalho

 Planeta

Quarta Asa é uma aventura fantástica absolutamente eletrizante no mundo feroz e competitivo de uma escola de guerra para cavaleiros de dragões, que conta com a descrição de elementos relativos a guerras, batalhas, combates corpo a corpo, situações de perigo, sangue, violência intensa, feridas sangrentas, mortes, envenenamentos, linguagem explícita e atividades sexuais. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos deverão ter isto em conta e preparar-se para entrar na Escola de Guerra de Basgiath...

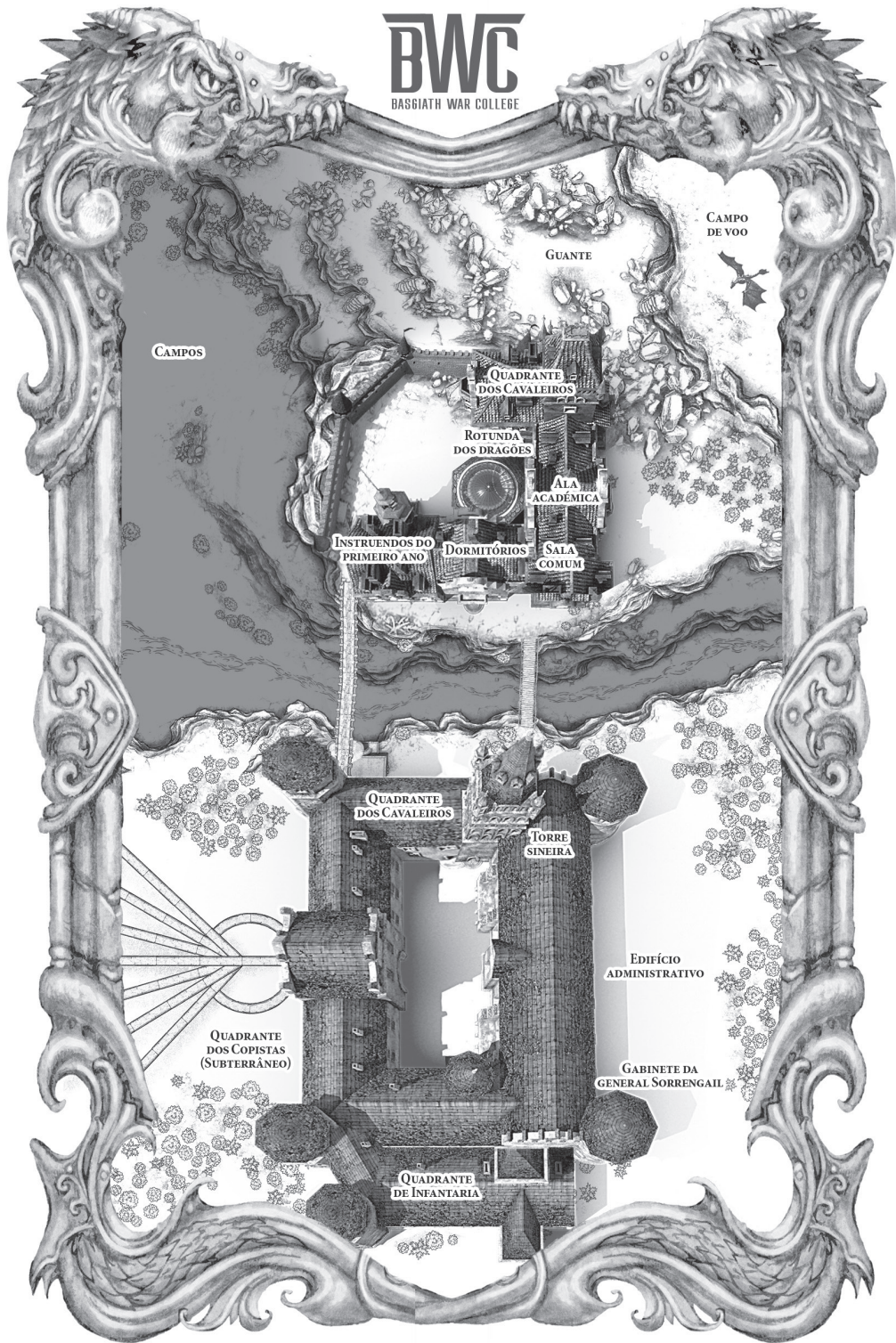
Para o Aaron.
O meu Capitão América.
Em todas as mobilizações, em todas as mudanças,
nos pontos altos mais soalheiros, nos pontos baixos mais negros,
fomos sempre tu e eu, miúdo.

Aos artistas.
Vocês têm o poder de moldar o mundo.

O texto que se segue foi fielmente transcrito do navarrês para a língua moderna por Jesinia Neilwart, conservadora do Quadrante dos Copistas da Escola de Guerra de Basgiath. Todos os acontecimentos são verdadeiros e os nomes foram preservados para honrar a coragem dos que não resistiram. Que as suas almas sejam confiadas a Malek.

BWC

BASGIATH WAR COLLEGE



Um dragão sem o seu cavaleiro é uma tragédia.
Um cavaleiro sem o seu dragão é um cadáver.
– ARTIGO PRIMEIRO, PARÁGRAFO PRIMEIRO
O CÓDIGO DOS CAVALEIROS DE DRAGÕES



CAPÍTULO I

O Dia do Alistamento é sempre o mais mortífero. Talvez seja por isso que o nascer do Sol está especialmente belo esta manhã. Porque sei que poderá ser o último que vejo.

Aperto as alças do meu saco de lona e subo, não sem dificuldade, as escadas largas da fortaleza de pedra a que chamo casa. Quando chego ao corredor de pedra que conduz ao gabinete da general Sorrengail, já tenho o peito a palpitar e os pulmões inflamados com o esforço. Foi isto que seis meses de treino físico intenso me deram: a capacidade de subir a custo seis lanços de escadas com um fardo de quase 14 quilos às costas.

Estou tão fodida.

Os milhares de jovens de vinte anos à espera junto aos portões para entrar no quadrante que escolheram para servir o reino são os mais inteligentes e os mais fortes de Navarre. Centenas deles preparam-se desde que nasceram para integrarem o Quadrante dos Cavaleiros e terem a oportunidade de pertencerem a um grupo de elite. Eu tive exatamente seis meses.

Os guardas, impassíveis, alinhados junto às paredes do corredor no cimo do último lanço de escadas evitam olhar-me nos olhos quando passo, o que não é novidade nenhuma. Além disso, ser ignorada é o melhor cenário possível para mim.

A escola de Guerra de Basgiath não é conhecida por ser simpática para... bem, para ninguém, nem sequer para quem tem a mãe em posição de comando.

Todos os oficiais navarreses, independentemente da formação que desejem receber – para curandeiros, copistas, soldados de infantaria ou cavaleiros –, são moldados dentro destas paredes cruéis ao longo de três anos, onde apuram as

capacidades de usar armas para protegerem as nossas fronteiras montanhosas das tentativas de invasão violenta do reino de Poromiel e dos seus cavaleiros de grifos. Os fracos não sobrevivem neste lugar, sobretudo no Quadrante dos Cavaleiros. Os dragões certificam-se disso.

– Estás a mandá-la para a morte certa! – diz uma voz ressoante do outro lado da densa porta de madeira do gabinete da general e eu solto um suspiro. Só há uma mulher no Continente suficientemente insensata para levantar a voz à general, mas deveria estar na fronteira com a Divisão Este. *A Mira.*

Ouve-se uma resposta surda no gabinete e eu estendo a mão para o puxador.

– Ela não vai ter hipótese – grita a Mira quando eu empurro a porta pesada e a transferência do peso do saco que trago às costas por pouco não me derruba. *Merda.*

A general solta uma imprecação de trás da secretária e eu agarro-me às costas do sofá de capa carmesim para me equilibrar.

– Caramba, mãe, ela nem sequer pode aguentar-se em pé com o saco – atira a Mira, a apressar-se para vir ter comigo.

– Eu estou bem! – As minhas faces aquecem de vergonha e faço um esforço para me apumar. Voltou há cinco minutos e já está a tentar salvar-me. *Porque tu precisas de ser salva, sua idiota.*

Não quero nada disto. Não quero nem um bocadinho desta merda do Quadrante dos Cavaleiros. Não tenho nenhuma vontade de morrer. O melhor seria reprovar no teste de admissão a Basgiath e ir diretamente para o exército com a maioria dos recrutas. *Mas sou capaz de me aguentar com o saco e vou ser capaz de me desenrascar.*

– Oh, Violet. – Olhos castanhos cheios de preocupação fitam-me de cima para baixo e mãos fortes agarram-me os ombros.

– Olá, Mira. – Um sorriso pinta-me os cantos da boca. Ela pode estar aqui para dizer adeus, mas estou contente por ver a minha irmã pela primeira vez em muitos anos.

Os olhos da Mira enternecem-se e os dedos dobram-se nos meus ombros como se me fosse envolver num abraço, mas ela recua e vira-se para se pôr ao meu lado e olhar para a nossa mãe.

– Não podes fazer isto.

– Já está feito. – A mãe encolhe os ombros e as dobras do uniforme preto feito à medida sobem e descem com o movimento.

Solto um riso escarninho a ver a esperança de um adiamento a esfumar-se. Não que eu devesse estar à espera, ou sequer ter a esperança, de obter um grão de misericórdia que seja de uma mulher que se fez famosa pela falta dela.

– Então desfaz o que está feito – diz a Mira com os dentes cerrados. – Ela passou a vida inteira a treinar para ser copista. Não foi criada para ser cavaleira.

– Bem, não tem nada que ver contigo, pois não, tenente Sorrengail? – A mãe entrelaça as mãos em cima da superfície imaculada da secretária e inclina-se ligeiramente quando se levanta, a olhar para nós com os olhos entrefechados e avaliadores que refletem os dragões gravados nas enormes pernas da mobília. Não preciso do poder proibido da leitura de mentes para saber exatamente o que ela vê.

Com 26 anos, a Mira é a versão mais nova da nossa mãe. É alta, tem músculos fortes e poderosos tonificados por anos de treino de luta e centenas de horas passadas no dorso do seu dragão. A pele da Mira praticamente brilha de saúde e o cabelo loiro escuro está cortado curto como o da mãe para melhor se adequar ao combate. Mas, mais do que a aparência, a Mira ostenta a mesma arrogância, a firme convicção de que pertence ao céu. É uma cavaleira da cabeça aos pés.

É tudo o que eu não sou, e o abanar de cabeça reprovador da mãe é o sinal de que preciso para saber que está de acordo com esta ideia. Eu sou demasiado baixa. Demasiado frágil. As curvas que tenho deveriam ser músculo e o meu corpo traiçoeiro torna-me embaraçosamente vulnerável.

A mãe caminha na nossa direção, com as botas pretas engraxadas a brilhar nas luzes mágicas que tremeluzem nas arandelas. Pega na ponta da minha trança comprida, solta um riso escarninho ao ver a secção logo acima dos meus ombros onde os cabelos castanhos começam a perder a vivacidade da cor, que se vai desvanecendo devagar num prateado metálico e frio nas pontas, e depois larga-a.

– Pele sem brilho, olhos sem brilho, cabelo sem brilho. – O olhar dela tolhe-me completamente toda a confiança que eu pudesse ter. – É como se aquela febre te tivesse levado toda a cor e toda a força. – Uma faísca de dor perpassa-lhe pelos olhos e as sobrancelhas franzem-se. – Eu disse-lhe para te tirar daquela biblioteca.

Não é a primeira vez que a ouço a maldizer a doença que quase a matou quando estava grávida de mim ou a biblioteca que se tornou a minha segunda casa graças ao meu pai, depois de ambos terem sido colocados aqui em Basgiath, ela como instrutora e ele como copista.

– Eu adoro aquela biblioteca – replico. Já passou mais de um ano desde que o coração do meu pai acabou por ceder e os Arquivos continuam a ser o único lugar que sinto como casa nesta fortaleza gigantesca, o único lugar onde sinto a presença do meu pai.

– A falar como a filha de um copista – diz a minha mãe em voz baixa e eu vejo-a: a mulher que ela era quando o meu pai estava vivo. Mais terna. Mais afável... pelo menos com a família.

– Eu sou filha de um copista. – As minhas costas estão a gritar comigo, pelo que deixo o saco escorregar dos ombros, pouso-o no chão e inspiro completamente pela primeira vez desde que saí do meu quarto.

A minha mãe pestaneja e a mulher um pouco mais terna que acabei de ver desaparece, deixando apenas a general.

– És filha de uma cavaleira, tens 20 anos e hoje é o Dia do Alistamento. Eu vou deixar-te acabar a formação, mas, como te disse na primavera passada, não quero ver uma das *minhas* filhas a entrar no Quadrante dos Copistas, Violet.

– Porque as copistas não chegam aos pés das cavaleiras, não é? – resmungo, perfeitamente ciente de que os cavaleiros representam o topo da hierarquia social e militar. Montar dragões que deixam as pessoas carbonizadas por tudo e por nada ajuda.

– Exatamente! – A habitual compostura da minha mãe sofre um abalo. – E se te atreveres a entrar no túnel para o Quadrante dos Copistas hoje, arranco-te de lá por essa trança ridícula e levo-te para o parapeito com as minhas próprias mãos.

Sinto o estômago a dar voltas.

– O pai não ia querer isto! – defende a Mira, com o pescoço a afogear-se.

– Eu amava o teu pai, mas ele morreu – diz a mãe, como se estivesse a apresentar o boletim meteorológico. – Duvido que ele tenha algum querer neste momento.

Eu inspiro o ar, mas não digo nada. Discutir não me levará a lugar nenhum. Nunca ouviu patavina do que eu disse sempre que falei com ela, e hoje não vai ser diferente.

– Enviar a Violet para o Quadrante dos Cavaleiros é o equivalente a uma sentença de morte. – Parece que a Mira ainda não se deu por vencida. A Mira *nunca* se dá por vencida em nenhuma discussão com a mãe, e o mais frustrante é que a mãe sempre a respeitou por isso. Dois pesos e duas medidas para a vitória. – Não é suficientemente forte, mãe! Já partiu o braço este ano, torce uma articulação semana sim, semana não e não tem altura suficiente para montar nenhum dragão suficientemente grande para a manter viva numa batalha.

– A sério, Mira? – Mas. Que. Raio. As unhas cravam-se-me nas palmas das mãos quando enrolo as mãos em punhos. Saber que as minhas possibilidades de sobrevivência são mínimas é uma coisa. Ver a minha irmã a atirar-me as minhas imperfeições à cara é outra. – Estás a dizer que eu sou *fraca*?

– Não. – A Mira aperta-me a mão. – Só... frágil.

– Isso não melhora nada. – Os dragões não se vinculam a mulheres *frágeis*. Carbonizam-nas.

– A tua irmã é baixa. E depois? – A mãe olha para mim de cima a baixo e observa o corte generoso da túnica creme com cinto e das calças que escolhi esta manhã para a minha possível execução.

Eu resfolego.

- Agora estamos a fazer uma lista dos meus defeitos, é?
- Eu nunca disse que era um defeito. – A mãe vira-se para a minha irmã.
- Mira, a Violet lida com mais dor antes do almoço do que tu durante uma semana inteira. Se alguma das minhas filhas é capaz de sobreviver no Quadrante dos Cavaleiros, é ela.

As minhas sobranceiras erguem-se. Parecia mesmo um elogio, mas com a minha mãe, nunca tenho muitas certezas.

- Quantos candidatos a cavaleiros morrem no Dia do Alistamento, mãe? Quarenta? Cinquenta? Estás assim tão ansiosa por enterrar mais um filho? – pergunta a Mira, a ferver de raiva.

Encolho-me ao ver a temperatura da sala a gelar, cortesia do poder de sinete de manipular tempestades que a minha mãe canaliza pelo seu dragão, Aimsir.

Sinto um aperto no peito ao lembrar-me do meu irmão. Ninguém se atreve a fazer referência ao Brennan ou ao dragão dele há cinco anos, altura em que morreram a lutar contra a rebelião de Tyrrendor no sul. A minha mãe tolera-me e respeita a Mira, mas adorava o Brennan.

E o meu pai também. Começou a sentir dores no peito logo depois da morte do Brennan.

O maxilar da minha mãe cerra-se e os olhos furiosos ameaçam retaliação quando ela os põe na Mira.

A minha irmã engole em seco, mas não se deixa intimidar na competição de olhares.

- Mãe – começo. – Ela não quis dizer que...

– Saia. Imediatamente. Tenente. – As palavras da mãe são nuvens suaves de vapor no gabinete gelado. – Antes que eu a declare ausente da sua unidade sem autorização.

A Mira apruma a postura, acena uma vez e roda com precisão militar. Depois dirige-se a passo largo para a porta sem dizer mais nada e agarra um pequeno saco de ombros antes de sair.

- É a primeira vez que a minha mãe e eu estamos sozinhas em meses.

Os olhos dela fixam-se nos meus e a temperatura sobe quando ela inspira profundamente.

- Estiveste entre os 25 por cento melhores em velocidade e agilidade durante o exame de admissão. Não vais ter problemas. Nenhum Sorrengail tem problemas. – Passa com as costas dos dedos pelo meu rosto, quase sem me tocar na pele. – És tão parecida com o teu pai – sussurra antes de aclarar a garganta e recuar alguns passos.

Calculo que não haja prémios de mérito em serviço para a disponibilidade emocional.

– Não vou poder reconhecer-te nos próximos três anos – diz, voltando a sentar-se na ponta da secretária. – Afinal, como general comandante de Basgiath, vou ser uma oficial muito superior a ti.

– Eu sei. – Não é isso o que mais me preocupa neste momento, tendo em conta que ela quase não me reconhece atualmente.

– E também não vais receber nenhum tipo de tratamento especial só por seres minha filha. Quando muito, vão ser ainda mais duros contigo para que proves o teu valor. – A minha mãe arqueia a sobrancelha.

– Bem sei. – Ainda bem que estive a treinar com o major Gillstead desde que a minha mãe tomou esta decisão já lá vão alguns meses.

Ela suspira e força um sorriso.

– Então acho que nos vamos ver no vale durante a Debulha, candidata. Embora calcule que à noite já vais ser cadete.

Ou uma mulher morta.

Nenhuma de nós o diz.

– Boa sorte, candidata Sorrengail. – A minha mãe volta para trás da secretária, num gesto de dispensa.

– Obrigada, general. – Levanto o saco para cima dos ombros e saio do gabinete. Um guarda fecha a porta nas minhas costas.

– Está completamente louca – diz a Mira do centro do corredor, a meio do local onde estão colocados dois guardas.

– Eles vão dizer-lhe que disseste isso.

– Como se não soubessem já – resmunga ela entre os dentes cerrados. – Vamos. Só temos uma hora até todos os candidatos terem de se apresentar e eu vi milhares à espera junto aos portões quando vinha em cima do meu dragão. – Começa a andar conduzindo-me pela escada de pedra e pelos corredores até ao meu quarto.

Bem... o meu *antigo* quarto.

Nos 30 minutos em que estive fora, todos os meus pertences foram colocados em caixas que estão empilhadas num canto. Sinto um murro no estômago. Ela empacotou a minha vida inteira.

– É eficiente como o caralho, tenho de o reconhecer – murmura a Mira entre dentes antes de se virar para mim e me fitar de cima a baixo em avaliação.

– Tinha esperança de a convencer a não avançar com isto. O Quadrante dos Cavaleiros não é para ti.

– Sim, já te ouvi a dizer isso. – Olho para ela com a sobrancelha levantada. – Muitas vezes.

– Desculpa. – A minha irmã estremece, baixa-se e esvazia o saco.

– O que estás a fazer?

– O que o Brennan fez por mim – diz com a voz baixa, e eu sinto o pesar a tolher-me a garganta. – Sabes usar uma espada?

Abano a cabeça.

– São demasiado pesadas. Mas sou muito rápida com punhais. – Mesmo muito rápida. Como um relâmpago. O que me falta em força, compenso em velocidade.

– Já calculava. Boa. Agora pega no saco e descalça essas botas horríveis.

– Vasculha as coisas que trouxe e dá-me botas novas e um uniforme preto.

– Usa isto.

– Qual é o problema das minhas coisas? – pergunto sem deixar de largar o saco. Ela abre-o de imediato, e arranca do interior tudo o que eu lá tinha guardado com mil cuidados. – Mira! Levei a noite inteira a fazer isso!

– Estás a levar coisas de mais e as tuas botas são um perigo. Vais escorregar logo do parapeito com essas solas tão lisas. Pelo sim pelo não, mandei fazer um par de botas de cavaleira com sola de borracha para ti e, minha querida Violet, ainda bem que o fiz, porque o cenário não é agradável. – Começam a voar livros, que aterram junto às caixas.

– Bem, eu só posso levar o que for capaz de carregar e quero esses livros!

– Lanço-me para o livro seguinte antes de ela ter a oportunidade de o atirar e, por pouco, consigo salvar a minha coleção preferida de contos negros.

– Estás disposta a morrer por isso? – pergunta, os olhos a endurecer.

– Eu consigo carregá-los! – Nada disto faz sentido. Eu deveria dedicar a minha vida aos livros, não atirá-los para o canto para ficar com o saco mais leve.

– Não, não consegues. Tens pouco mais do que o triplo do peso do saco, o parapeito tem mais ou menos 45 centímetros, uma altitude de 60 metros e, da última vez que olhei lá para fora, havia nuvens a adensar-se. Não vão adiar nada disto só por poder chover e a ponte poder ficar um pouco mais escorregadia, mana. Vais cair. E morrer. Agora, vais ouvir o que eu te digo? Vais juntar-te aos outros candidatos mortos na leitura do rol amanhã de manhã? – Não há sinal da minha irmã mais velha na cavaleira que vejo à minha frente. Esta mulher é perspicaz, astuta e um tudo-nada cruel. Esta é a mulher que sobreviveu aos três anos com apenas uma cicatriz, provocada pelo seu próprio dragão durante a Debulha. – Porque não vais passar disso. Mais um túmulo. Mais um nome marcado na pedra. Livra-te dos livros.

– Foi o pai que me deu este – murmuro, levando o livro ao peito. Talvez seja uma infantilidade, só uma coletânea de histórias que nos protegem do apelo da magia e chegam até a demonizar dragões, mas é a única coisa que me resta.

A minha irmã suspira.

– Esse é aquele velho livro de lendas populares sobre aqueles vermes que manipulam magia negra no dorso de serpes? Não o leste já umas mil vezes?

– Talvez mais – admito. – E são *venéficos*, não vermes.

– O pai e as alegorias dele – diz ela. – É bom é que não tentes canalizar poderes antes de seres uma cavaleira vinculada, que os monstros de olhos vermelhos não se vão esconder debaixo da tua cama à espera de te raptarem para te levarem para o exército negro nos seus dragões de duas patas. – A Mira pega no último livro que eu guardei no saco e estende-mo. – Livra-te dos livros. O pai não te pode salvar. Tentou. Eu também tentei. Decide-te, Violet. Vais morrer copista? Ou viver como uma cavaleira?

Eu olho de relance para os livros que tenho nos braços e faço uma escolha.

– És uma chata do caraças. – Coloco os contos num canto, mas fico com o outro volume nas mãos e olho para a minha irmã.

– Uma chata do caraças que te vai manter viva. Para que é esse? – pergunta em jeito de desafio.

– Para matar pessoas. – Devolvo-lho.

Um sorriso leve espalha-se no rosto dela.

– Boa. Podes ficar com esse. Agora, troca de roupa enquanto eu trato do resto desta confusão. – O sino toca bem lá no alto. Temos 45 minutos.

Visto-me depressa, mas tenho a sensação de que todas as peças de roupa pertencem a outra pessoa, embora seja óbvio que foram feitas à minha medida. A minha túnica é substituída por uma camisa preta justa que me cobre os braços e as minhas calças arejadas são trocadas por calças de pele que se colam a cada curva. De seguida, a Mira aperta-me um corpete em forma de colete em cima da camisa.

– Assim não há fricção – explica.

– Como o equipamento que as cavaleiras usam em batalha. – Tenho de admitir, a roupa dá-me um ar de durona, por muito que eu me sinta como uma impostora. *Meus deuses, isto está mesmo a acontecer.*

– Exatamente, porque é isso o que vais fazer. Entrar numa batalha.

A combinação de pele e de um tecido que não reconheço cobre-me desde a clavícula até pouco depois da cintura, envolve-me os seios e passa-me por cima e pelo lado dos ombros. Passo o dedo pelas bainhas escondidas costuradas diagonalmente ao longo da caixa torácica.

– Para os teus punhais.

– Só tenho quatro. – Agarro-os da pilha que está no chão.

– Vais conquistar mais.

Deslizo os punhais para dentro das bainhas, como se as minhas costelas se tivessem tornado armas. O desenho é engenhoso. Com bainhas nas costelas e nas minhas coxas, o acesso às facas é muito fácil.

Mal me reconheço ao espelho. Pareço uma cavaleira. E continuo a sentir-me uma copista.

Minutos depois, metade das coisas que eu tinha guardado no saco está empilhada em cima das caixas. A Mira voltou a organizar-me o saco, descartando

tudo o que considerava desnecessário e quase tudo o que tivesse algum cariz sentimental enquanto vomitava conselhos sobre como sobreviver no quadrante. Depois, surpreende-me ao fazer o gesto mais sentimental de sempre: manda-me sentar entre os joelhos dela para poder fazer uma coroa com as minhas tranças.

É como se eu fosse criança outra vez e não uma mulher adulta, mas faço-lhe a vontade.

– O que é isto? – Testo o material em cima do meu coração, arranhando-o com a ponta da unha.

– Uma coisa que eu desenhei – explica ela, a puxar-me a trança até o escalpe me doer. – Mandei-a construir especialmente para ti com as escamas do Teine costuradas, por isso tem cuidado.

– Escamas de dragão? – Viro a cabeça para ela num movimento súbito. – Como? O Teine é enorme.

– Por acaso conheço um cavaleiro que tem o poder de transformar coisas muito grandes em coisas bem pequenas. – Um sorriso travesso pinta-lhe os olhos. – E coisas pequenas... em coisas muito maiores.

Eu reviro os olhos. A Mira sempre foi mais aberta sobre os homens da vida dela do que eu... sobre os dois da minha.

– A sério, assim tão maior?

Ela ri-se e puxa-me a trança.

– Cabeça para a frente. Deverias ter cortado o cabelo. – Puxa os fios de cabelo com força e volta ao trabalho. – É um inconveniente em treino de combate e batalha, além de ser um enorme alvo. Mais ninguém tem um cabelo com as pontas prateadas como o teu e já te vão ter em ponto de mira.

– Sabes muito bem que o pigmento natural parece abandoná-lo gradualmente, independentemente do comprimento que tenha. – Os meus olhos são igualmente indecisos, um tom claro de avelã com cambiantes variáveis de azul e âmbar, nenhuma das quais parece favorecer a cor verdadeira. – Além disso, tirando a preocupação de todas as outras pessoas em relação à cor, o meu cabelo é a única coisa em mim que é perfeitamente saudável. Se o cortasse pareceria que estaria a castigar o meu corpo por finalmente fazer alguma coisa bem, além do que não sinto exatamente a necessidade de esconder quem sou.

– Nem tens de sentir. – A Mira agarra-me a trança com força, puxa-me a cabeça para trás e ficamos com os olhos postos uma na outra. – És a mulher mais inteligente que eu conheço. Não te esqueças disso. O teu cérebro é a tua melhor arma. Só tens de ser mais esperta do que os outros, Violet. Estás a ouvir-me?

Eu assinto com a cabeça e ela deixa de me puxar o cabelo, termina a trança e levanta-me enquanto continua a resumir anos de conhecimento em 15 minutos apressados em que quase nem faz uma pausa para respirar.

– Tens de estar sempre atenta. Não faz mal nenhum estares calada, mas certifica-te de que reparas em tudo e em todos à tua volta e usa essa observação em teu benefício. Leste o Códice?

– Algumas vezes. – O regulamento do Quadrante dos Cavaleiros é muito mais curto do que os das outras divisões. Provavelmente porque os cavaleiros têm dificuldade em respeitar as regras.

– Ainda bem. Então sabes que os outros cavaleiros te podem matar a qualquer momento e os cadetes mais ferozes *vão* tentar fazê-lo. Menos cadetes significa melhores oportunidades na Debulha. Nunca há dragões suficientes dispostos a vincular-se e, seja como for, nenhuma pessoa que seja descuidada ao ponto de poder morrer por culpa própria é digna de um dragão.

– Exceto se estiver a dormir. Atacar um cadete que esteja a dormir é um delito digno de execução. Artigo Terceiro...

– Sim, mas isso não significa que estejas em segurança à noite. Dorme com isto vestido se puderes. – Bate na parte da frente do meu corpete.

– O preto da cavalaria tem de ser merecido. Tens a certeza de que não devo vestir a minha túnica hoje? – Passo as mãos por cima da pele.

– O vento lá em cima no parapeito fará de qualquer tecido a mais uma vela.

– Estende-me o meu saco, agora muito mais leve. – Quanto mais apertada for a tua roupa, melhor será para ti quando estiveres lá em cima, ou quando fores para o tapete e começares os treinos de combate. Nunca tires a couraça. *Nunca* deixes de usar os punhais. – Aponta para as bainhas nas coxas dela.

– Alguém haverá de dizer que não as mereci.

– És uma Sorrengail – responde ela, como se fosse razão suficiente. – Não lrigues ao que dizem.

– E não achas que usar as escamas de um dragão é fazer batota?

– Depois de subires ao torreão, batota é uma palavra sem significado. Só existe a sobrevivência ou a morte. – Ouve-se a campainha a soar: só faltam 30 minutos. A Mira engole em seco. – Está quase na hora. Estás pronta?

– Não.

– Eu também não estava. – O canto da boca dobra-se com um sorriso enviesado. – E passei a vida inteira a treinar para esse momento.

– Eu não vou morrer hoje. – Atiro o saco para cima dos ombros e respiro com menos dificuldade do que de manhã. Não há dúvida de que é muito mais fácil de carregar.

Os corredores da secção administrativa central da fortaleza estão sinistramente silenciosos quando os percorremos e descemos os diferentes lanços de escadas sinuosas, mas o barulho do exterior aumenta à medida que vamos chegando aos andares inferiores. Pelas janelas, vejo milhares de candidatos a abraçar os entes queridos e a fazer as despedidas nos campos de erva

imediatamente abaixo do portão principal. Pelo que vi nos anos anteriores, a maioria das famílias fica agarrada aos candidatos até ao último toque do sino. As quatro estradas que conduzem à fortaleza estão atravancadas com cavalos e carruagens, sobretudo no ponto de convergência à frente da escola, mas são as carruagens vazias na extremidade dos campos que me dão a volta ao estômago.

São para os corpos.

Imediatamente antes de contornarmos a última esquina que dará para o pátio, a Mira detém-se.

– O que é... *uau*. – Puxa-me ao encontro do peito dela e abraça-me com força na privacidade relativa do corredor.

– Amo-te, Violet. Lembra-te de tudo o que eu te disse. Não sejas mais um nome no rol de mortes. – A voz dela treme e eu envolvo-a nos meus braços com um abraço apertado.

– Eu fico bem – prometo.

Ela assente com a cabeça e o queixo bate-me no cimo da cabeça.

– Eu sei. Vamos.

É a última coisa que diz antes de se afastar e encaminhar-se para o pátio apinhado junto ao portão principal da fortaleza. Instrutores, comandantes e até a nossa mãe estão informalmente reunidos, à espera de que a confusão além do portão se transforme na ordem aquém. De todas as portas da escola de guerra, o portão principal é o único por que nenhum cadete vai passar hoje, uma vez que cada quadrante tem entrada e instalações próprias. Caramba, os cavaleiros têm uma cidadela própria. Trastes pretensiosos e egocêntricos.

Sigo a Mira e apanho-a ao fim de algumas passadas mais apressadas.

– Vê se encontras o Dain Aetos – diz-me a Mira quando atravessamos o pátio e nos dirigimos para o portão aberto.

– O Dain? – Não consigo deixar de sorrir ao pensar em voltar a ver o Dain e o meu batimento cardíaco acelera. Passou um ano, período durante o qual senti falta dos seus olhos castanhos e doces e da forma como ele se ri, da maneira como todo o corpo acompanha os lábios. Senti falta da nossa amizade e dos momentos em que pensei que poderia transformar-se em algo mais, no contexto certo. Senti falta da forma como olha para mim, como se eu fosse alguém em quem vale a pena reparar. Senti, enfim, falta dele.

– Estou fora do quadrante há três anos, mas, pelo que sei, ele está a safar-se bem e vai manter-te a salvo. Deixa-te desses sorrisos – censura-me a Mira. – Ele vai ser do segundo ano. – Abana-me o dedo. – Não te metas com pessoal do segundo ano. Se queres dar umas quecas, e deverias fazê-lo – diz-me com as sobranceiras levantadas – muitas vezes, tendo em conta que nunca se sabe o que os dias irão trazer, vai para a cama com alguém do teu ano. Não há nada

pior do que cadetes a dizer por aí que andaste à procura de segurança na cama dos mais velhos.

– Quer dizer que posso levar para a cama todos os instruídos do primeiro ano que me apetecer – digo com um leve sorriso. – Só não do segundo e terceiro anos.

– Exatamente. – A minha irmã pisca-me o olho.

Atravessamos os portões, deixamos a fortaleza e juntamo-nos ao caos organizado à nossa frente.

Cada uma das seis províncias de Navarra enviou a respetiva quota de candidatos para o serviço militar. Alguns apresentam-se como voluntários. Alguns são enviados como castigo. A maioria é recrutada. A única coisa que temos em comum aqui em Basgiath é termos passado no exame de admissão – tanto no teste escrito como no teste de agilidade em que eu ainda não acredito que passei –, o que significa que, pelo menos, não vamos acabar como forragem para a infantaria na linha da frente.

A expectativa deixa a atmosfera tensa quando a Mira me conduz pelo caminho de pedras da calçada gastas em direção à torre sul. A escola principal foi construída na vertente do Monte de Basgiath, como se tivesse sido entalhada na cumeada. A extraordinária estrutura que se estende ao longo do monte eleva-se sobre a multidão de candidatos ansiosos que esperam pela chamada junto das famílias lacrimosas, com muralhas de pedra da altura de vários andares – construídas para proteger a torre no interior da fortaleza – e os torreões de defesa em cada um dos cantos, um dos quais alberga os sinos.

A maioria da multidão começa a fazer fila junto à base do torreão norte, onde fica a entrada para o Quadrante dos Soldados de Infantaria. Uma parte da turba dirige-se para o portão que está atrás de nós, onde fica o Quadrante dos Curandeiros que ocupa a extremidade sul da escola. Sinto a inveja a comprimir-me o peito quando vejo algumas pessoas a entrar no túnel central que dá para os arquivos em baixo da fortaleza para integrar o Quadrante dos Copistas.

A entrada para o Quadrante dos Cavaleiros não passa de uma porta fortificada na base da torre, exatamente igual à entrada da infantaria a norte. Mas enquanto os candidatos à infantaria podem entrar diretamente para o nível do solo do seu quadrante, nós, os candidatos a cavaleiros, temos de *subir*.

A Mira e eu juntamo-nos à fila para o Quadrante dos Cavaleiros, à espera para nos registarmos, e cometo o erro de olhar para cima.

Bem acima de nós, a atravessar o vale do rio que divide a escola principal da cidadela ainda mais alta e imponente do Quadrante dos Cavaleiros na cumeada sul, está o parapeito, a ponte de pedra que está prestes a separar os candidatos a cavaleiros dos cadetes ao longo das próximas horas.

Não consigo acreditar que estou prestes a atravessar aquela coisa.

– Bem, andei eu a preparar-me para o exame escrito para copista estes anos todos. – A minha voz transpira sarcasmo. – Devia era ter andado a brincar na trave de equilíbrio.

A Mira ignora-me e a fila vai avançando com os candidatos a desaparecerem do outro lado da porta.

– Não deixes que o vento te tolha o passo.

Dois candidatos à nossa frente; uma mulher soluça quando o companheiro a arranca de um jovem. Depois o casal afasta-se da fila e desce o monte em lágrimas em direção à multidão de entes queridos que ocupam as bermas das estradas. Não há mais pais à nossa frente, só algumas dezenas de candidatos a dirigir-se para os escritvães.

– Não tires os olhos das pedras à tua frente e não olhes para baixo – diz a Mira, com as linhas de expressão a contrair-se. – Abre os braços para te equilibrares. Se o saco escorregar, larga-o. Se for para cair, antes o saco do que tu.

Eu olho para trás de nós e parece que houve centenas de pessoas a juntar-se à fila no espaço de minutos.

– Talvez os devesse deixar ir primeiro – sussurro quando o pânico me dá um soco no coração. O que raio estou eu a fazer?

– Não – responde a Mira. – Quanto mais esperares naqueles degraus – aponta para a torre –, maiores serão as probabilidades de o teu medo aumentar. Atravessa o parapeito antes que o terror se apodere de ti.

A fila avança e o sino volta a tocar. São oito horas.

Como seria de prever, os milhares de pessoas atrás de nós dividiram-se completamente pelos quadrantes que selecionaram, todos alinhados para assinarem o pergaminho e começarem o serviço.

– Concentra-te – dispara a Mira e eu viro imediatamente a cabeça para a frente. – Isto pode parecer severo, mas não procures amizades neste lugar, Violet. Cria alianças.

Só há duas pessoas à nossa frente: uma mulher com um saco bem cheio, cujas maçãs do rosto altas e cara oval me fazem lembrar representações de Amari, a rainha dos deuses. O cabelo castanho-escuro está preso em várias filas de tranças curtas que lhe pendem sobre a pele igualmente escura do pescoço. O segundo é o homem loiro e musculado que tinha a mulher a chorar em cima dele. Tem um saco ainda maior às costas.

Olho para a secretária dos escritvães à frente de ambos e os meus olhos arregalam-se.

– É o...? – sussurro.

A Mira olha de relance e pragueja baixinho entre dentes cerrados.

– O filho de um separatista? É. Estás a ver aquela marca brilhante que lhe começa em cima do pulso? É uma relíquia da rebelião.

Levanto as sobrancelhas em surpresa. As únicas relíquias de que ouvi falar referem-se a quando um dragão usa magia para marcar a pele do cavaleiro ou cavaleira a que está vinculado. Mas essas relíquias são um símbolo de honra e poder e normalmente têm o formato do dragão que as legou. As marcas no pulso do filho do separatista são volutas e traços que parecem mais um aviso do que a representação de um laço.

– Foi um *dragão* que fez aquilo? – sussurro.

Ela faz que sim com a cabeça.

– A mãe diz que o dragão do general Melgren fez o mesmo a todos eles quando lhes executou os pais, mas não estava propriamente aberta a falar mais sobre o tema. Não há como castigar as crianças para dissuadir mais pais de cometer traição.

Parece... cruel, mas a primeira regra da vida em Basgiath é nunca questionar um dragão, uma vez que eles tendem a carbonizar qualquer pessoa que considerem malcriada.

– A maioria das crianças marcadas com relíquias da rebelião são de Tyrrendor, claro, mas há algumas das outras províncias cujos pais também se tornaram traidores... – O sangue esvai-se-lhe do rosto e ela agarra as alças do meu saco, virando-me para eu a olhar. – Acabei de me lembrar. – A voz baixa e inclino-me para a frente com o coração aos saltos perante a urgência do tom que está a usar. – Não te aproximes do Xaden Riorson.

O ar sai-me dos pulmões em longas golfadas. Este nome...

– *Esse Xaden Riorson* – confirma ela, o medo a permear-lhe o olhar. – Está no terceiro ano e não hesitará em matar-te assim que descobrir quem és.

– O pai dele foi o Grande Traidor. Foi ele que *liderou* a rebelião – digo, baixinho. – O que é que o Xaden está a fazer aqui?

– Todos os filhos dos chefes foram alistados como castigo pelos crimes dos pais – sussurra a Mira quando nos arrastamos para o lado e avançamos com a fila. – A mãe disse-me que não estavam à espera de que o Riorson fosse capaz de ultrapassar o parapeito. Depois pensaram que seria morto por um cadete, mas assim que o dragão dele o escolheu... – Abana a cabeça. – Bem, a partir daí não há muito que se possa fazer. Subiu ao posto de chefe de divisão.

– Que grande treta – resmungo.

– Ele jurou fidelidade a Navarre, mas eu acho que isso não o vai impedir de fazer algo contra ti. Assim que chegares ao outro lado do parapeito, porque *vais* conseguir atravessá-lo, vai à procura do Dain. Ele vai integrar-te na esquadra dele e, com um pouco de sorte, vais ficar longe do Riorson. – A Mira aperta-me melhor as alças. – Não. Te. Aproximes. Dele.

– Registado. – Assinto com a cabeça.

– Próximo – chama uma voz de trás da mesa de madeira onde estão pousados os registos do Quadrante dos Cavaleiros. O cavaleiro marcado que não conheço está sentado ao lado de um copista que conheço, e as sobranceiras grisalhas do capitão Fitzgibbons erguem-se no rosto engelhado. – Violet Sorrengail?

Eu assinto com a cabeça, pego na pena e assino a primeira linha em branco que vejo no pergaminho.

– Mas eu pensei que ias para o Quadrante dos Copistas – diz o capitão Fitzgibbons em voz baixa.

Sinto inveja da túnica em tons de creme que ele tem vestida e não consigo encontrar palavras para dizer.

– Não foi essa a decisão da general Sorrengail – intervém a Mira.

Os olhos do provento homem enchem-se de tristeza.

– É uma pena. Eras uma promessa tão grande.

– Valham-nos os deuses – diz o cavaleiro ao lado do capitão Fitzgibbons. – É a Mira Sorrengail? – Fica de queixo caído e eu consigo sentir o cheiro da veneração daqui.

– Sou. – A Mira assente com a cabeça. – Esta é a minha irmã, Violet. Vai entrar para o primeiro ano.

– Se sobreviver ao parapeito. – Alguém atrás de mim sorri baixinho.

– O vento pode levá-la imediatamente com ele.

– Combateu em Strythmore – diz o cavaleiro atrás da secretária, embasbacado. – Condecoraram-na com a Ordem da Garra por ter eliminado aquela bateria atrás das linhas do inimigo.

Os risos baixos param.

– Como eu estava a dizer... – A Mira pousa a mão na minha zona lombar.

– Esta é a minha irmã, Violet.

– Já conhece o caminho. – O capitão assente com a cabeça e aponta para a porta aberta no torreão. O interior parece sinistramente escuro e luto contra o impulso de correr a sete pés.

– Sim, conheço o caminho – assegura-lhe ela, conduzindo-me para lá da mesa para que o idiota das risadinhas atrás de mim possa assinar o rol.

Paramos à entrada e viramo-nos uma para a outra.

– Não morras, Violet. Detestaria ser filha única. – Abre um sorriso rasgado e vai-se embora, perambulando para lá da fila de candidatos embasbacados, que, entretanto, tinham ficado a saber quem ela era e o que tinha feito.

– Não é fácil estar à altura de tamanhas expectativas – diz a mulher à minha frente, que tinha acabado de entrar na torre.

– Pois não – concordo antes de agarrar nas alças do saco e entrar na escuridão. Os meus olhos adaptam-se rapidamente à luz débil que vem das janelas equidistantes ao longo da escada em caracol.

– Sorrengail como a...? – pergunta a mulher a olhar por cima do ombro quando começamos a subir as centenas de degraus que nos poderão conduzir à morte.

– Precisamente. – A escada não tem corrimão, pelo que mantenho a mão na parede de pedra à medida que vamos chegando cada vez mais alto.

– A general? – pergunta o loiro à nossa frente.

– Nem mais – respondo com um sorriso breve. Uma pessoa a quem a mãe se agarra assim durante tanto tempo não pode ser assim *tão* má, não é?

– Uau. E que belas peles. – Ele retribui o sorriso.

– Obrigada. Foi a minha irmã que mas ofereceu.

– Imagino quantos candidatos terão caído das escadas e morrido ainda antes de chegar ao parapeito – diz a mulher, a olhar para baixo no centro das escadas quando já estamos a grande altura.

– Dois no ano passado. – Levanto a cabeça quando ela olha de relance para trás. – Bem, três se contarmos com a rapariga sobre a qual um deles aterrou.

Os olhos castanhos da mulher inflamam-se, mas volta a virar-se para a frente e continua a subir as escadas.

– Quantos degraus temos de subir? – pergunta.

– Duzentos e cinquenta – respondo e subimos em silêncio durante mais cinco minutos.

– Nada mal – diz ela com um sorriso aberto quando nos aproximamos do cimo e a fila para. – Chamo-me Rhiannon Matthias, já agora.

– Dylan – responde o loiro com um aceno entusiasmado.

– Violet. – Lanço-lhes um sorriso tenso, ignorando flagrantemente a sugestão que a Mira me tinha dado para evitar amizades e me limitar a criar alianças.

– Tenho a sensação de que esperei a vida inteira por este dia. – O Dylan ajeita o saco nas costas. – Nem acredito que estou prestes a fazer isto. É um sonho tornado realidade.

Certo. Como seria de esperar, todos os outros candidatos estão entusiasmados por estarem aqui. Este é o único quadrante em Basgiath que não aceita recrutas, só voluntários.

– Foda-se, eu mal posso esperar. – O sorriso da Rhiannon faz-se mais aberto. – Quem é que não quer montar um *dragão*, afinal?

Eu. Em teoria, até parece divertido. É verdade que sim. As aberrantes probabilidades de sobrevivência ao curso é que me deixam o estômago às voltas.

– Os teus pais aprovam? – pergunta o Dylan. – Porque a minha mãe anda a implorar-me que mude de ideias há *meses*. Estou sempre a dizer-lhe que terei melhores possibilidade de progredir enquanto cavaleiro, mas ela queria que eu fosse para o Quadrante dos Curandeiros.

– Os meus pais sempre souberam que era isto que eu queria, de maneira que sempre me apoiaram. Além disso, têm a minha irmã gémea para mimar. A Raegan já concretizou o sonho dela: casou e está à espera de um bebé.

– A Rhiannon volta a olhar para mim. – E tu? Deixa-me adivinhar. Com um nome como Sorrengail, aposto que foste a primeira voluntária este ano.

– Fui mais uma voluntária à força. – A minha resposta é muito menos entusiasmada do que a dela.

– Estou a ver.

– E os cavaleiros têm melhores regalias do que os outros oficiais – digo ao Dylan quando a fila avança mais um pouco. O candidato dos risinhos atrás de mim alcança-nos, a suar e vermelho. *Vejam só quem se deixou de risadinhas.*

– Melhor salário, maior tolerância na política de uniformes – continuo. Ninguém liga ao que os cavaleiros e as cavaleiras usam, desde que seja preto. As únicas regras que os cavaleiros têm de seguir são as que li no Códice e memorizei.

– E o direito de te considerares a maior das duronas – acrescenta Rhiannon.

– Isso também – concordo. – Tenho quase a certeza de que nos distribuem um ego juntamente com as peles de voo.

– Além disso, ouvi dizer que os cavaleiros podem casar-se mais cedo do que os oficiais dos outros quadrantes – acrescenta o Dylan.

– É verdade. Logo depois da conclusão do curso. – Se sobrevivermos.

– Acho que tem algo que ver com a vontade de dar continuidade às linhagens.

– A maioria dos cavaleiros mais bem-sucedidos já tiveram antepassados no quadrante.

– Ou talvez seja porque tendemos a morrer mais cedo do que os membros dos outros quadrantes – graceja a Rhiannon.

– Eu não vou morrer – diz o Dylan com muito mais confiança do que a que eu sinto quando o vejo a puxar um colar com uma aliança a balançar na corrente de dentro da túnica. – Ela disse que dava azar pedi-la em casamento antes de me vir embora, pelo que estamos à espera até à graduação. – Beija a aliança e volta a enfiar a corrente dentro da gola. – Os próximos três anos vão ser compridos, mas vão valer a pena.

Eu guardo o meu suspiro para mim, embora talvez seja a coisa mais romântica que já ouvi.

– Tu podes conseguir atravessar o parapeito – diz o tipo atrás de mim com uma expressão trocista. – Mas esta aqui, se vier uma brisa, vai parar ao fundo da ravina.

Reviro os olhos.

– Cala-te e foca-te em ti – atira a Rhiannon, cujos pés estalam na pedra quando subimos os degraus.

Vemos finalmente o cimo das escadas, a entrada iluminada por uma luz difusa. A Mira tinha razão. Aquelas nuvens vão fazer estragos e temos de chegar ao outro lado do parapeito antes delas.

Mais um passo, mais um estalido dos pés da Rhiannon.

– Deixa-me ver as tuas botas – digo baixinho para que o imbecil atrás de mim não me consiga ouvir.

Ela franze a testa e os olhos castanhos enchem-se de confusão, mas mostra-me as solas das botas. São lisas, tal como as que eu estava a usar antes de falar com a Mira. Sinto um soco no estômago.

A fila volta a avançar e para quando estamos a pouca distância da abertura.

– Qual é o tamanho que calças? – pergunto.

– O quê? – A Rhiannon olha para mim a pestanejar.

– Os teus pés. Quanto é que calças?

– O 39 – responde ela com duas rugas a formar-se entre as sobrancelhas.

– Eu uso o 37 – digo depressa. – Vai doer como o diabo, mas quero que leves a minha bota esquerda. Troca comigo. – Tenho um punhal na direita.

– Desculpa? – Ela olha para mim como se eu tivesse ficado louca, o que talvez não esteja longe da verdade.

– Estas botas são botas de cavaleira. Vão agarrar-se melhor à pedra. Vais ficar com os dedos encolhidos e num estado lastimoso, mas, pelo menos, a possibilidade de caíres se começar a chover será menor.

A Rhiannon relanceia para a porta aberta – e para o céu cada vez mais escuro – e depois volta a olhar para mim.

– Estás disposta a trocar uma bota?

– Só até chegarmos ao outro lado. – Olho para lá da porta aberta. Vejo três candidatas a atravessar o parapeito com os braços esticados para os lados. – Mas temos de ser rápidas. A nossa vez está quase a chegar.

A Rhiannon cerra os lábios para ponderar por um segundo, depois aceita e trocamos as botas esquerdas. Ainda estou a acabar de apertar os atacadores quando a fila volta a avançar e o tipo atrás de mim me dá um empurrão nas costas que me envia porta fora para lá do patamar.

– Toca a andar. Há quem tenha coisas para fazer do outro lado. – A voz dele mói-me a presença de espírito que me restava.

– Não vou perder tempo contigo – murmuro entre dentes enquanto me equilibro ao sentir o vento a fustigar-me a pele nesta manhã de verão com o ar denso da humidade. *A trança foi boa ideia, Mira.*

O cimo do torreão é completamente despojado, as ameias a aparecer e a desaparecer ao longo da estrutura circular à altura do meu peito sem, portanto, estorvarem a vista. A ravina e o rio parecem subitamente muito distantes. Quantas carruagens é que puseram lá em baixo à espera? Cinco? Seis? Eu conheço as

estatísticas. O parapeito representa o fim de cerca de 15 por cento dos candidatos. Todas as provas no quadrante – incluindo esta – são concebidas para testar a capacidade dos cadetes para montarem um dragão. Se alguém não for capaz de atravessar a ponte estreita de pedra de uma ponta à outra, então é claro que também não conseguirá manter o equilíbrio e combater no dorso de um dragão.

E o que dizer da taxa de mortalidade? Acho que um em cada dois cavaleiros julga que a glória compensa o risco, ou tem a arrogância de pensar que não vai cair.

Não faço parte de nenhum dos grupos.

Levo as mãos ao estômago para combater a vontade de vomitar, inspiro pelo nariz e expiro pela boca enquanto caminho pelo beiral atrás da Rhiannon e do Dylan com os dedos a roçar na cantaria ao longo do sinuoso caminho até ao parapeito.

Há três cavaleiros à espera na entrada, que não passa de uma abertura na parede do torreão. Um, com os braços nus, regista os nomes à medida que os candidatos saem do torreão para a traiçoeira travessia. Outro, que rapou o cabelo todo tirando uma crista no centro, dá instruções ao Dylan quando ele se posiciona para a travessia a bater com a mão no peito como se a aliança que escondeu debaixo da roupa lhe pudesse dar sorte. Espero que dê.

O terceiro vira-se para mim e o meu coração para de um momento para o outro.

É alto, tem o cabelo preto puxado desordenadamente para trás por ação do vento e sobrancelhas escuras. A linha do maxilar é forte e está coberta por uma pele trigueira luminosa e barba curta escura e, quando cruza os braços sobre o tronco, os músculos do peito e dos braços agitam-se e latejam de uma forma que me deixa a boca seca. E os olhos... os olhos têm a cor de ónix salpicada de tons dourados. O contraste é sensacional, diria até deslumbrante. Todo ele o é. Tem feições tão marcadas que parecem ter sido esculpidas, mas são extraordinariamente perfeitas, como se um artista tivesse passado a vida inteira a trabalhar nele e pelo menos um ano dessa vida tivesse sido passado a burilar-lhe a boca.

É o homem mais sublime que eu já vi.

E como vivo numa escola de guerra já vi *muitos* homens.

Até a cicatriz diagonal que lhe divide a sobrancelha esquerda e marca o canto superior da face serve apenas para o tornar ainda mais atraente. Mais escaldante. Uma brasa. Daqueles que nos leva por maus caminhos e nos deixa a salivar por mais. De repente, não consigo lembrar-me muito bem porque é que a Mira me disse para só ir para a cama com pessoal do meu ano.

– Vemo-nos no outro lado! – diz o Dylan por cima do ombro com uma expressão de entusiasmo antes de caminhar para o parapeito com os braços bem abertos.

– Pronto para a próxima, Riorson? – pergunta o cavaleiro com os braços nus.

Xaden Riorson?

– Estás pronta para isto, Sorrengail? – pergunta a Rhiannon, a avançar.

O cavaleiro de cabelo preto vira os olhos para os meus, rodando completamente na minha direção, e o meu coração retumba pelas razões erradas. O pulso esquerdo nu do cavaleiro revela uma relíquia da rebelião com curvas e contracurvas que desaparece debaixo do uniforme preto e volta a aparecer junto à gola, onde se estende em espiral pelo pescoço acima e acaba na linha do maxilar.

– Oh, merda – sussurro, e ele semicerra os olhos, como se me conseguisse ouvir apesar do uivo do vento que me fustiga a trança presa.

– Sorrengail? – Ele dá um passo na minha direção e eu olho para cima... e depois ainda mais para cima.

Deuses do céu, não lhe chego sequer à clavícula. É enorme. Tem de ter bem mais de 1,90 metros.

Sinto-me exatamente o que a Mira me chamou – *frágil* –, mas assinto uma vez com a cabeça e o ónix que lhe cintila nos olhos transforma-se em ódio frio e puro. Quase que consigo sentir toda aquela aversão a esvaír-se-lhe da pele e a flutuar na minha direção como uma água de colónia demasiado intensa.

– Violet? – pergunta a Rhiannon, já a seguir em frente.

– És a filha mais nova da general Sorrengail. – A voz dele é cava e acusatória.

– E tu és o filho do Fen Riorson – retruco, sentindo a certeza desta revelação a entranhar-se-me nos ossos. Levanto o queixo e faço o que posso para conter todos os músculos do corpo e não começar a tremer.

Ele não hesitará em matar-te assim que descobrir quem és. As palavras da Mira rodopiam-me no crânio e o medo deixa-me um nó na garganta. Ele vai empurrar-me para o precipício. Vai pegar em mim e atirar-me deste torreão abaixo aqui e agora. Nunca vou ter a oportunidade de atravessar o parapeito sequer. Vou morrer por ser exatamente aquilo que a minha mãe nunca chegou a ter coragem de me dizer que eu era: fraca.

O Xaden inspira com força e o músculo do maxilar lateja uma vez. Duas vezes.

– A tua mãe prendeu e deu ordens para a execução do meu pai.

Alto. Como se *ele* fosse o único a ter direito ao ódio nesta situação? A raiva percorre-me as veias.

– O teu pai matou o meu irmão mais velho. Parece que estamos quites.

– Nem por isso. – Lança-me um olhar furioso que se detém em mim como se estivesse a memorizar cada detalhe do meu rosto ou a procurar alguma debilidade. – A tua irmã é uma cavaleira. Acho que isso explica as peles.

– Acho que sim. – Não desvio o olhar, como se vencer este jogo de olhares me garantisse que entro para o quadrante sem ter de atravessar o parapeito que está atrás dele. Seja como for, vou atravessá-lo. A Mira não vai perder ambos os irmãos.

As mãos dele fecham-se em punhos e os músculos retesam-se.

Eu preparo-me para o golpe. Ele pode atirar-me desta torre abaixo, mas não lhe vou facilitar a tarefa.

– Estás bem? – pergunta a Rhiannon com o olhar a saltitar entre mim e o Xaden.

Ele olha-a de relance.

– Vocês são amigas?

– Conhecemo-nos nas escadas – diz ela, a endireitar os ombros.

O Xaden olha para baixo, repara nas botas desfasadas e levanta uma sobran-celha. As mãos relaxam.

– Interessante.

– Vais matar-me? – Levanto mais um pouco o queixo.

O olhar dele colide com o meu quando as torneiras do céu se abrem e a chuva cai em dilúvio encharcando-me o cabelo, as peles e inundando as pedras à nossa volta em poucos segundos.

Ouve-se um grito a lacerar o ar. Eu e a Rhiannon viramos subitamente a atenção para o parapeito ainda a tempo de vermos o Dylan a escorregar.

Solto um grito abafado, com o coração a palpitar-me na boca.

O Dylan consegue segurar-se e fica com os braços agarrados à ponte de pedra e os pés a espernear à procura de um ponto de apoio que não existe.

– Usa os braços para subires ao parapeito, Dylan! – grita a Rhiannon.

– Oh, meus deuses! – A minha mão voa para a boca, mas o Dylan deixa de conseguir agarrar-se à pedra molhada e escorregadia, cai e desaparece de vista. O vento e a chuva abafam qualquer som que o corpo dele pudesse fazer ao embater no solo do vale. E também abafam o som do meu grito surdo.

O Xaden nunca tira os olhos do meu rosto, a observar-me com uma expressão que não consigo interpretar quando volto a virar-me para ele.

– Porque haveria de gastar energia a matar-te se o parapeito vai fazer esse trabalho por mim? – Um sorriso malicioso dobra-lhe os lábios. – É a tua vez.